

FATOS E NOTAS

A ANTI-HISTÓRIA.

TRISTÃO DE ATHAYDE

Sugeri recentemente (*Jornal do Brasil*, 3/4 janeiro 1974) (1) um esquema de tipologia histórica mais ou menos baseado no seguinte esboço. Há três planos gerais no desenvolvimento da narrativa dos fatos passados: a crônica, a história, a filosofia da história. Respectivamente, a historiografia, a historiologia e a historiosofia. Não separa esses três planos nenhum critério de valor ascendente e sim de distribuição funcional. O cronista observa de perto, possivelmente como testemunha pessoal, os fatos ocorridos. O historiador, propriamente dito, coordena e relaciona esses fatos, procurando interpretá-los e vivificá-los pelo acréscimo de uma interpretação pessoal e subjetiva, que não deve alterar certamente os dados fornecidos pelo cronista (que aliás pode ser ele próprio) mas alargar e superar a visão meramente fatural dos acontecimentos. Quanto ao filósofo da história, aplica aos fatos dos cronistas e às idéias dos historiadores as suas próprias pesquisas e concepções, no sentido de mostrar as grandes forças, imanentes ou transcendentais, que explicam ou pelo menos tentam explicar, em conjunto e no sentido mais profundo e mais universal, a massa dos acontecimentos humanos ao longo do tempo, do espaço e à luz dos valores perenes do espírito. Há uma articulação intrínseca entre esses três planos da historiografia, da historiologia e da historiosofia. Cada um com sua autonomia, suas exigências próprias e seu relacionamento com os demais planos na base da reciprocidade. A crônica não é inferior à história, nem esta à filosofia da história. Pode-se mesmo dizer que toda construção historiológica e toda veracidade historiosófica se baseiam na autenticidade da historiografia, como coleta e relato absolutamente objetivos e impessoais dos dados fundamentais para a reconstrução e interpretação do passado. Basta dizer que a tarefa dos cronistas tem o seu diploma de honra, digamos assim, nos próprios Evangelhos. Eis como São Lucas inicia o seu relato histórico evangélico:

(1). — “Grandes mudanças, na visão histórica, foram introduzidas pela interação da história com outras ciências sociais. Augusto Comte, influenciado

“Assim como vários já tentaram fazer a narrativa dos acontecimentos que entre nós ocorreram e nos foram transmitidos por aqueles que desde o início foram testemunhas oculares e se converteram em ministros da palavra, pareceu-me conveniente que eu também, por minha vez me devotei a uma investigação minuciosa de todas essas coisas, remontando às suas origens, procurasse concatena-las e te escrevesse a respeito, meu excelente Teófilo, a fim de que conhecesses bem a solidez dos ensinamentos que recebestes de viva voz” (Luc., *Prólogo*, I, 1/4) (2).

Esse desconhecido Teófilo, “que parece ter sido um dos cristãos saídos da gentilidade”, como comentam Valensin, S. J. e Huby, S. J. recebeu um texto sagrado que constitui o maior diploma honorífico de toda investigação histórica, baseada na veracidade e na autenticidade dos fatos, tais como realmente ocorreram. A historiosofia, por sua vez, que coroa de certo modo todo o trabalho da historiografia e da historiologia, pode ser subdividida em três tipos de filosofia dos acontecimentos: a historiosofia transcendentalista, a carismática e a orgânica. Esta última procura explicar os acontecimentos pela ação das forças imanentes, de tipo biológico, econômico, político ou cultural, que atuam no âmago dos fatos históricos e que, de baixo para cima, vão tecendo a grande malha do que constitui a história da humanidade, de um povo, de uma cidade ou de uma família. Até mes-

por Condorcet e Saint Simon, pensou ser possível aplicar métodos das ciências naturais à história para descobrir suas leis e predizer o futuro... Comte desligou a pesquisa histórica da ênfase predominante sobre as grandes personalidades, assim como da ênfase sobre o Estado, para uma consideração dos fenômenos da comunidade da qual o Estado surgiu originalmente e que formam a base dos acontecimentos históricos. Desde então o ponto de vista sociológico participou de toda historiografia profunda. A Comte também se deve a idéia de que a evolução da vida intelectual é a base da história e que cada povo tem uma psiquê coletiva (*mass psyche*), da qual derivam todas as suas ações e seus costumes”. *Walter Goetz*. *Modern Europe*. Verbete “History and Historiography” (*Encyclopaedia of the Social Sciences*. Macmillan. New York. 1932, vol. VII, pgs. 357 e segs. Com uma copiosa bibliografia). Na realidade, Voltaire já tinha assumido a mesma orientação na sua *História de Carlos XII*. Mas os três grandes marcos da historiosofia organicista, nos tempos modernos, foram, sem dúvida, Hegel, com o organicismo metafísico; Comte com o organicismo intelectualista e Marx, com o organicismo econômico. Sobre o organicismo em sua amplitude bio-filosófica consultar *Hans Driesch*, *Philosophie des Organischen*, verb. Engelman, 1921. Do ponto de vista da psicologia social é útil a obra de *Adolfo Mengel*. *Introducción a la Sociología*, tradução espanhola. Fondo de Cultura Económica México, 1940, especialmente o cap. V.

(2). — *Evangelie selon Saint Luc*, col. *Verbum Salutis*, ed. Beauchesne, 1927, pg. 4.

mo de uma personalidade isolada, se bem que “homem algum seja uma ilha”, segundo o título famoso de uma obra prima do grande e saudoso Tomas Merton (3). A historiosofia carismática procura justamente explicar, ao menos de modo dominante, os acontecimentos históricos pela atuação das grandes personalidades (4), que podem muitas vezes mudar os rumos aparentes dos acontecimentos e os destinos de um povo ou de uma civilização. As grandes personalidades carismáticas, os heróis assim chamados, são forças pessoais atuantes que a historiosofia de tipo carismático procura por em relevo. Quanto à historiosofia transcendentalista (5) procura mostrar o âmago e o mistério da história, assim como seu contínuo imprevisto, que a observação objetiva e desapaixonada não pode recusar, revelando forças, não apenas imanentes, mas transcendentais que nos mostram uma Providência e uma Finalidade superiores às simples leis e contingências dos fatos isolados e das forças coletivas imanentes, especialmente populares, funcionais e técnicas, que dão à chamada caravana humana um sentido superior, pluralista e ao mesmo tempo unitário e universal, que dá um sentido supremo e profundo à vida histórica dos homens, das instituições, das civilizações e dos ciclos culturais.

Podem-se assim traçar um quadro de tratamento intelectual dos acontecimentos humanos, ao longo do tempo, que procure explicar o sentido profundo de sua sequência e de seus avatares.

*
*
*

Para completar, entretanto, esse quadro geral que podemos chamar de *aspecto positivo* de recomposição do passado, em função do

(3). — *Thomas Merton*. Homem algum é uma ilha. Trad. D. Timóteo Amoroso Anastácio, ed. Agir, 1927, *passim*.

(4). — Os “homens representativos” de Emerson; os “heróis” de Carlyle; os “farois” de Baudelaire etc. Spencer rejeitou totalmente essa teoria enquanto Tarde a subscrevia, atribuindo às massas uma influência meramente imitativa.

(5). — Se Santo Agostinho, com sua teoria das duas cidades, a Cidade de Deus e as cidades dos homens, foi o fundador dessa historiosofia transcendentalista; Bossuet foi o seu mais ilustre representante nos tempos modernos, como em síntese tão bem o exprimiu em seu *Discours sur l'Histoire Universelle*, como que resumido em seu Sermão sobre a Providência na Quaresma de 1662: “Deus dá aos Príncipes seu espírito de sabedoria para saberem conduzir os povos e dá aos povos a inteligência para se tornarem capazes de ser dirigidos em ordem... Pois embora, à primeira vista, qualquer que pareça a estranha confusão e qualquer desordem ou injustiça que apareça nos negócios humanos, embora aí tudo pareça ser arrastado pela cega rapidez do destino, convençamo-nos de que sua história é conduzida em ordem, que tudo é governado por princípios (máximas) e um Conselho eterno e imutável se esconde por detrás de todos esses acontecimentos, que o tempo parece desenrolar com uma incerteza tão estranha”. (*Bossuet*. Sermons, vol. II, ed. Garnier, pg. 205). Não é preciso aceitar esse providencialismo, que dá tão pouca importância às causas segundas, para crer na existência de uma Divina Providência.

presente e do futuro, devemos também considerar a existência de um avesso, isto é de um *aspecto negativo* desse quadro global. É a isso que podemos chamar de *anti-história*. Esse aspecto negativo, por sua vez, pode ser encarado sob o duplo erro pelo qual se costuma negar a verdade. Esse erro pode redundar de uma de duas negações: ou por excesso ou por deficiência. A verdade está entre o mais e o menos. A verdade é uma proporção, como disse Hilaire Belloc e o confirma o bom senso universal. A verdade histórica resulta da rejeição da hipertrofia da história bem como de sua atrofia. À primeira podemos chamar de *historiolatria*. À segunda de *historiofobia*. As duas juntas constituem precisamente o que podemos chamar de *anti-história*.

A historiolatria consiste em colocar todos os acontecimentos e todas as idéias *em função do tempo*. Fariamos então da história uma *scientia reatrix*. Em vez de religião, a história das religiões. Em vez de filosofia, a história das filosofias. Em vez da política, a história das instituições políticas. Em vez da economia, a história dos sistemas econômicos. E assim por diante. Em suma, a confusão da Ciência, da Arte, da Filosofia, da Religião, com a história de cada uma dessas categorias do conhecimento, confundindo assim a parte com o todo. O *tempo*, que é sem dúvida a *base* de todo pensamento histórico e particularmente de toda obra historiológica ou historiosófica, passa a ser, nesse sectarismo historiográfico, não apenas a *base* do pensamento e das obras de história, como deve ser, mas a própria substância da história. De modo que a *transitoriedade* e a *precariedade* dos fatos e das idéias, que representam apenas *um dos aspectos* desses fatos e dessas idéias, passam a ser confundidas *com os próprios fatos e as próprias idéias*. E, com isso, os dois grandes inimigos da verdade, o fanatismo e o ceticismo, levam a história à sua própria negação. Em vez de ser ou pelo menos procurar ser um relato honesto e objetivo da *realidade*, a historiolatria da história passa a ser a corrupção de toda realidade e a apologia de todos os arbítrios. A anti-história por hipertrofia é um suicídio da história. Como os romanos diziam, numa sentença imortal, que o abuso dos direitos próprios representa a negação dos direitos alheios. E do próprio direito em si. *Summum jus, summa injuria*. Parodiando os juristas romanos, podemos dizer que *summa historia, nula historia*. Toda uma corrente do pensamento moderno do século XIX, de Hegel a Marx ou Spencer, influenciou consideravelmente em numerosos autores, tanto historiadores como políticos, tanto economistas como culturalistas, no sentido dessa hipertrofia da idéia de Tempo e desse espírito revolucionário ou evolucionista *anti-substancialista*, que tanto redundava no fanatismo como no ceticismo, sectarismos contraditórios que têm envenenado o pensamento contemporâneo e mesmo os acontecimentos de nossos dias, neste mun-

do de violência e de anti-paz em que nos aproximamos do novo milênio. A historiatria é um dos maiores inimigos da verdadeira história.

Não digo o inimigo número um, porque a outra face dessa anti-história, a historiofobia, é, uma deformação equivalente no sentido exatamente oposto. Como sempre, os extremos se tocam. Se toda uma corrente do pensamento moderno, oriunda do século XIX, e embora com raízes anteriores (pois o século XVIII, com sua idéia do progresso contínuo lançada pelos enciclopedistas (6), foi a raiz dessa anti-historicidade por hipertrofia do historicismo) se toda essa corrente fez do presuposto historicista o seu preconceito subconsciente, outra corrente chega ao mesmo resultado anti-histórico por uma deformação extremista de tipo oposto. Se Hegel e Marx podem ser considerados, senão como fontes únicas da hipertrofia histórica, pelo menos como suas mais importantes e inspiradas fontes, podemos considerar Nietzsche e os mestres franceses da contra-revolução, de Taine a Maurras, como pioneiros modernos do anti-historicismo radical. A idéia central nietzscheana do *eterno retorno* é a própria forma do anti-historicismo por atrofia, fonte dos modernos totalitarismos de direita. Como o historicismo por hipertrofia é a fonte dos totalitarismos de esquerda. O moderno reacionarismo integral é fruto da historiofobia, como o moderno revolucionarismo integral é fruto da historiatria. O sectarismo dos anti-historicistas, por negativismo histórico, é semelhante ao sectarismo dos historicistas por gigantismo histórico. Se estes hipertrofiaram a idéia de tempo, diluindo as essências nas contingências e tentando demonstrar a precariedade de todos os valores ontológicos e permanentes (a começar pela própria existência de uma eternidade superior ao tempo), os outros negam a importância do tempo, transportam o eterno para o efêmero, idealizando o passado como se fosse um modelo perene. Tanto o fanatismo como o ceticismo, os dois inimigos da verdade, envenenam a mentalidade reacionária com a mentalidade revolucionária. Assistimos hoje, a cada momento, à corrupção de grandes inteligências, ora tocadas pelo fanatismo, reacionário ou revolucionário, ora feridas pelo ceticismo, e entregues à angústia existencialista. Quando um próprio gênio, forrado de um santo a seu geito, como era Léon Bloy, dizia que, para ter notícias do que estava acontecendo no mundo moderno, ia ler as epístolas de São Paulo, estava reagindo, com o seu genial humor negro, contra os abusos do historicismo. Atitudes como essa é que levaram

(6). — René Hubert — Les sciences sociales dans l'Encyclopédie, la philosophie de l'histoire et le problème des origines sociales. Ed. Alcan, 1923, *passim*.

atualmente ao *maniqueísmo* que polui tantas inteligências contemporâneas.

Por consequência podemos concluir que, tanto a historiatria como a historiofobia são erros iguais e contrários, provenientes de uma deformação temperamental e de uma tentativa de radicalismos extremistas, que viciam o verdadeiro *princípio de proporcionalidade*, única base sólida, tanto de nosso pensamento como de todas as nossas atitudes. A anti-história, portanto, quer por exagêro quer por deficiência, não é só um erro intelectual e uma ameaça constante contra a verdade, mas uma espada de Dâmocles contra a paz entre os homens. Em suma, contra o verdadeiro espírito da história, como espelho da verdade no sentido do tempo e como “mestra da vida” no sentido da eternidade.

* *

*

BIBLIOGRAFIA.

- CROCE (Benedeto). — *Teoria e storia della Storiografia*. Bari. 2ª edição. 292 pp.
- DANIÉLOU (Jean). — *Essai sur le mystère de l'histoire*. Paris. Edition du Seuil. 1953. 341 pp.
- MARITAIN (Jacques). — *On the philosophy of history*. New York. Scribner's. Tradução inglesa. 1957. 176 pp.
- RODRIGUES (José Honório). — *Vida e história*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 1966. 278 pp.
- SECKLER (Max). — *Le salut et l'histoire*. Paris. Edition du Cerf. Tradução francesa. 1967. 256 pp.
- LACROIX (Jean). — *História e mistério*. São Paulo. Editora Duas Cidades. Tradução portuguesa. 1967. 112 pp.
- VAZ S. J. (Henrique C. de Lima). — *Ontologia e história*. São Paulo. Editora Duas Cidades. 1968. 340 pp.
- ACQUAVIVA (Sabino C.). — *L'Eclissi del Sacro nella Civiltà Industriale*. Roma. Ed. di Comunità. 1971. 338 pp.

* *

*

ALCEU DE AMOROSO LIMA (Tristão de Athayde). Professor aposentado da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Reside na cidade do Rio de Janeiro, onde nasceu aos 11-XII-1893. Em se considerando a impossibilidade de se arrolar, mesmo numa cronologia sumária, a sua bela vida de educador, de sábio, de escritor, de embaixador cultural, de católico exemplar. De sua contagiante jovialidade, de sua fidelidade a mesma tônica, do primado da liberdade, defendida em numerosas páginas de livros, periódicos, veiculados no país e no estrangeiro, lembrar-se-á que a Livraria São José imprimiu, em dezembro de 1973, um fascículo intitulado: "*Oitenta anos de uma gloriosa vida*" com palavras introdutórias de Francisco de Assis Barbosa.

Por ora, lembrar-se-á que frequentou o Ginásio Nacional (Colégio Pedro II) e a Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro, onde bacharelou-se em 1915. Em ambas foi, segundo declara "aluno medíocre". Pode complementar sua formação com cursos no estrangeiro, como o de Bergson, na Sorbonne. No mesmo anfiteatro onde, em 1950, como "maître de conférences" pronunciou uma série de palestras sobre *Civilização Brasileira*.

Professor universitário, através de concursos públicos de títulos e provas. Está aposentado, pela compulsória, das então cátedras de Literatura Brasileira, da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Pontifícia Universidade Católica da mesma cidade, da qual foi reitor e um dos fundadores.

Das missões oficiais que lhe foram confiadas pelo Governo Brasileiro, justifica-se destacar o cargo de diretor do Departamento Cultural da União Panamericana (Washington, D. C., USA) de 1951 a 1953.

Recentemente foi o 1º brasileiro nomeado, pelo Papa Paulo VI, membro da Pontifícia Comissão de Justiça e Paz, com sede em Roma. Registre-se neste Ano Santo que, em 1950, por ocasião de outro Ano Santo, entregou ao Papa Pio XII, um dos seus grandes livros: *Mensagem a Roma*, escrito especialmente para essa ocasião (Rio de Janeiro, Editora Agir, 1950).

Perguntar-se-ia: Tristão de Athayde, por que?

O pseudônimo Tristão de Athayde nasceu aos 17-VI-1919. Hoje pode-se argumentar que essa data assinala um outro nascimento, tridimensional. Do escritor Alceu Amoroso Lima, camuflado em Tristão de Athayde. Do então jornalista, especializado em crítica literária. Da 1ª secção, semanal, de crítica literária no periódico *O jornal*, editado no Rio de Janeiro.

Atividade embrionária da escalada de um jovem que, ao chegar ao cume da montanha, ao completar 60 anos, confidenciou a João Condé, esse *Caçador de Arquivos Implacáveis*: “Considere a crítica uma experiência pendular entre a grande dignidade e a grande vaidade literária. A medida que nos aproximamos do fim da vida, fatalmente teremos de escolher entre a humildade e a estupidez”.

Um outro esclarecimento. Operacional. “Tristão de Athayde representou uma ruptura ao clima sócio-econômico de uma época histórica. Aos padrões familiares que, bafejados pela era tecnológica, queriam o Alceu Amoroso Lima entregue, exclusivamente, às obrigações de uma firma comercial, à burocracia de uma indústria têxtil.

— E a grande ruptura?

— A grande ruptura, porquanto integral, assumida com naturalidade, com fidelidade indestrutível, foi a conversão ao Catolicismo. Atitude assumida publicamente em 1929 com o artigo: “*Adeus à disponibilidade, carta a um amigo*”.

— Hoje, no limiar dos 81 anos bem vividos, com uma bagagem cultural de 77 livros, dos quais 13 traduzidos em castelhano, francês e inglês, com centenas de artigos em periódicos os mais conceituados — o Dr. Alceu Amoroso Lima talvez seja o intelectual brasileiro que mais prêmios tenha recebido, tanto no país como no estrangeiro.

Compreende-se que nem todos tenham olhos para ve-lo em sua estupenda autenticidade. Tem inimigos e tem detratores. Individualiza-se, também, por uma marcante alergia aos cargos políticos, e aos encargos de duvidosa intelectualidade. Vez por outra, o cidadão Alceu Amoroso Lima pode ser encontrado nas ruas paulistanas. Com aquela naturalidade que as roupas largas favorecem a ligeireza do passo, a insubstituível gravata preta, o sorriso contagiante. Pois casado, bem casado com dona Maria Tereza, tem 7 filhos, 18 netos e 8 bisnetos.

E nestes encontros ou re-encontros, evidencia-se o traço insuperável com que Carlos Drummond de Andrade (1963, *Jornal do Brasil*) marcou-lhe o perfil:

“... Tristão e Alceu, a
mesma fiel cristalinidade:
uma criança sorrindo
no sábio a sombra de Deus”.

(Nota de Maria Regina)